

# **A fenomenologia de Merleau-Ponty\***

## **Merleau-Ponty's phenomenology**

**Alexandre Flores Alkimim\*\***

### **Resumo**

O propósito do presente artigo é o de abordar, em linhas gerais, a fenomenologia proposta pelo filósofo francês Maurice Merleau-Ponty. Delineamos os principais pontos dessa filosofia, tais como: tentar descrever o caráter corporificado da nossa (auto)experiência perceptual; admitir a hipótese de que pensamento e percepção são entes interligados e inseparáveis; além de trabalhar a interconectividade entre consciência, corpo e mundo, como forma de evidenciar a existência concreta e objetiva do ser. O intuito, portanto, é o de averiguar como se dá os diferentes processos e modos de incorporação da consciência.

**Palavras-chave:** Merleau-Ponty; Fenomenologia; Percepção; Consciência Corporificada; Corpo-Sujeito.

---

\* Artigo recebido em 02/09/2015 e aprovado para publicação em 23/05/2016.

\*\* Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pós-graduado em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (Especialização Proeja) pelo Centro Federal de Ensino Tecnológico de Minas Gerais (CEFET-MG). Exerce atualmente a função de técnico em assuntos educacionais da Pró-Reitoria de Graduação da UFMG. E-mail: floresalkimim@yahoo.com.br.

## Abstract

The purpose of this article is to make an approach, in general terms, to the phenomenology proposed by the French philosopher Maurice Merleau-Ponty. We outline the main points of this philosophy, such as: trying to describe the embodied character of our (self) perceptual experience; to admit the hypothesis that thought and perception are interconnected and inseparable entities; in addition to working on the interconnectivity between consciousness, body and world, as a way of highlighting the concrete and objective existence of being. The intention, therefore, is to find out how the different processes and modes of incorporation of consciousness take place.

**Keywords:** Merleau-Ponty; Phenomenology; Perception; Bodied Consciousness; Body-Subject.

## Breve introdução ao método e à investigação fenomenológica

A simples ideia de que a filosofia surge da nossa capacidade de nos admirarmos e de nos espantarmos face às situações do nosso dia-a-dia tem sua origem na Grécia antiga. Geralmente, não damos muito valor às questões que dizem respeito ao nosso cotidiano, muito embora Aristóteles (1969) tenha afirmado que, se quisermos de fato examinar o mundo de maneira mais atenta e apurada, temos de abandonar toda e qualquer forma de aceitação habitual no que tange às coisas do mundo. E, provavelmente, em nenhum outro lugar essa tarefa seja mais penosa e árdua do que no campo da pura experiência. Mas, por outro lado, o que pode ser mais aceitável e menos discutível do que os fatos provenientes da nossa experiência direta? Será que nossas (pres)suposições cotidianas nos impedem de ver o quão complexa e contraditória é a nossa realidade? E o que fazer diante disso, talvez o mais indicado seja encontrar formas de reaprender a observar a nossa própria experiência?

Desse modo, o objetivo do filósofo francês Merleau-Ponty (1999) é o de analisar mais detidamente as nossas experiências e rediscutir as pressuposições relativas aos nossos modos de vida. Fato esse que o encerra dentro da tradição da fenomenologia, método de investigação filosófica fundada por Edmund Husserl no começo do século XX, que tem como tarefa precípua descrever o conjunto de “fenômenos” que aparecem e se manifestam à consciência, pela via da redução eidética<sup>1</sup>. Nesse

---

<sup>1</sup> Redução fenomenológica/redução à ideia, ou seja, restrição do conhecimento ao puro fenômeno de uma experiência que se dá na consciência. É todo ato da consciência que visa identificar não o “objeto em si”, mas o modo como o objeto se apresenta e se revela ao indivíduo. A ideia aqui é a de tentar descrever as vivências (dos indivíduos), entendendo essa questão como tendo uma dupla vinculação: de um lado, uma vivência que é

sentido, na opinião de Matthews (2010), o que Husserl<sup>2</sup> buscava realmente entender, à luz de uma averiguação filosófica rigorosa, é o modo como se processa esse vivenciar/experienciar em primeira pessoa, desconsiderando toda e qualquer tentativa de pressuposição. Por conseguinte, a ênfase fenomenológica de Merleau-Ponty (1999) é a de procurar descrever nossa experiência perceptual “pré-objetiva”, pois a ideia aqui é a de redespertar para a experiência básica do mundo; retornar às coisas mesmas e a algo que é anterior ao nosso conhecimento do mundo. Sob esse ponto de vista:

O mundo, diz Merleau-Ponty, não é algo em que meramente pensamos, mas o lugar no qual vivemos nossas vidas, o mundo em que atuamos, sobre o qual temos sentimentos e esperanças, além de ser o mundo que tentamos conhecer. (...) O que busca não é elevar-se acima de nosso envolvimento prático e emocional com o mundo de modo a fornecer uma explicação ou justificação de por que ele é como é, mas descrever nossa existência no mundo, nossos vários modos de ser-no-mundo, o que precede nossa reflexão e teorização conscientes (MATTHEWS, 2010, p. 31-32).

## Por uma fenomenologia da corporificação

Para a fenomenologia de Merleau-Ponty, como adverte Cerbone (2012), o objetivo filosófico primordial é o de tentar reconhecer as origens

---

capaz de se apropriar das coisas do mundo e que se baseia em aspectos do mundo sensível; e, por outro lado, de uma vivência que concebe e qualifica essa mesma experiência, dando-lhe certa definição, categorizando-a, atribuindo-lhe uma “essência” que é de ordem intuitiva. Noutras palavras, tudo o que podemos saber a respeito do mundo resume-se a esses fenômenos, a esses objetos apreendidos intuitivamente e que só existem na mente, os quais são os responsáveis em d(o)ar sentido e significado às coisas.

<sup>2</sup> Edmund Husserl, em seu livro *Meditações cartesianas*, define o seu método fenomenológico como uma espécie de neocartesianismo. Isto porque, ele retoma duas questões consideradas essenciais quando o assunto é a modernidade filosófica e o seu principal representante, René Descartes, tais quais: i) o questionamento de tudo aquilo que é tido como certeza imediata, a exemplo de alguns pressupostos e crenças (sensoriais e/ou imaginativas) encaradas como verdades inabaláveis; e ii) o surgimento do sujeito como base segura e fonte primeira de todo conhecimento, com o qual inaugura-se – graças a esse método de análise cartesiana –, uma proposta de refundação das ciências, em que a prerrogativa do pensamento está agora pautada no puro sujeito. Desta feita, enquanto que para Descartes a dúvida metódica descarta qualquer possibilidade de conferir verdade aos objetos da experiência sensível, em Husserl tais “revelações” são postas entre parênteses, ou melhor, suspensas e retiradas de uma realidade vista como essencial, passando a ter um significado baseado no próprio indivíduo. Por conseguinte, a atitude de *epoché*, caracterizada pela fenomenologia como sendo a “contemplação desinteressada” sobre um dado objeto e/ou situação, nada mais é do que um modo de questionar a realidade, criticá-la e colocá-la permanentemente em dúvida, em contraposição à dúvida provisória proposta por Descartes que primeiro duvida para depois chegar à certeza, indubitável, do *cogito* e do eu penso. Esse posicionamento, portanto, ligado à *epoché* é algo interno ao indivíduo. Sendo o sujeito então o detentor de uma verdade evidenciada na mera intuição, a qual não visa depreender o em si das coisas ou revelar o caráter enganador e aparente da experiência, mas o de ser sempre consciência de algo, isto é, de algo que tenha a sua objetividade definida por meio de um ato da consciência (julgamentos, imagens, atos, relações, pensamentos, sentimentos, memórias, eventos, etc.).

perceptuais da nossa concepção do mundo, buscando, com isso, esclarecer o significado de alguns conceitos por nós utilizados – como algo já-pronto e acabado –, tendo em vista examinar a procedência de tais significados. Em poucas palavras, buscar compreender as nossas experiências perceptuais, pré-reflexivas, as quais precedem e tornam uma compreensão de mundo (objetivo) possível, conforme assinalado pelo próprio filósofo: “É necessário reencontrar, como anterior às ideias de sujeito e objeto, o fato de minha subjetividade e o objeto em estado nascente, a camada primordial na qual nascem tanto as ideias como as coisas” (MERLEAU-PONTY *apud* CERBONE, 2012, p. 159).

Apesar de Merleau-Ponty, nos termos propostos por Matthews (2010), ter adotado a abordagem de Husserl, ele em nenhum momento negou aquilo que considerava ser o fator determinante em nossa experiência: que ela não se constitui apenas no âmbito mental, mas também está relacionada à dimensão corporal. Em sua principal obra, *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty (1999) adotou essa explicação e ainda concluiu o seu argumento fundamentado na seguinte análise: mente e corpo não são entidades distintas e separadas uma da outra, conquanto coadunam-se a um mesmo e único esquema de ser e de estar vinculado e incorporado à realidade – tal concepção vai de encontro a toda uma tradição filosófica inaugurada desde os gregos até culminar no dualismo psicofísico de René Descartes. Cumpre então notar que Merleau-Ponty defende a tese de que a percepção e o pensamento se estruturam de maneira simbiótica, sendo ambas evidências claras de que o corpo é algo indissociável à consciência e vice-versa. Por essa razão, e em contraposição à mente incorpórea defendida por Descartes (2015), é que Merleau-Ponty nos expõe esse novo conceito: o de “corpo-sujeito”, unindo assim interioridade e exterioridade. Em virtude disso é que Merleau-Ponty não aceita essa rígida divisão cartesiana, que separa a realidade em duas substâncias, estanques, que não se comunicam entre si, e expresso na famosa dicotomia: mente e matéria. Sobre esse aspecto, Merleau-Ponty afirma:

(...) Nosso século apagou a linha divisória do ‘corpo’ e do ‘espírito’, vendo a vida humana inteiramente como espiritual e como corporal, sempre apoiada no corpo, sempre interessada, até nos seus modos mais carnis, nas relações entre as pessoas. Para muitos pensadores do fim do século XIX, o corpo era um pedaço de matéria, um feixe de mecanismos. O século XX restaurou e aprofundou a noção da carne, ou seja, do corpo animado (MERLEAU-PONTY *apud* BUZZI, 1992, p. 102).

Ora, percebe-se facilmente que, para o referido filósofo, a atribuição de significado a um dado conceito só pode se realizar quando nos referimos e nos voltamos a nossa própria experiência direta com as coisas, ou seja, quando nos voltamos totalmente à mera percepção. Nesse caso, a percepção é algo essencial que nos conecta – eu e minha consciência incorporada – a uma integralidade do nosso ser (do indivíduo) em relação às situações vivenciadas na cotidianidade.

Aliás, para tentarmos entender como as coisas são e como elas funcionam e se apresentam no mundo, temos que primeiro buscar um envolvimento com estas coisas em um nível mais elementar. Portanto, nessa linha, viver vem em primeiro lugar e o conhecimento dessa vida vem em segundo. E só para exemplificar, podemos citar, inclusive, o caso de uma cadeira. A cadeira é antes de tudo alguma coisa que serve para me sentar, e o seu significado depende do uso que faço dela, na prática, e como os outros também a utilizam e interagem com ela concretamente. Somente depois desse envolvimento mais “primitivo” é que posso, efetivamente, me distanciar e, em vista disso, tratar de estabelecer um entendimento sobre o tal objeto (de que material é feito, quem a projetou, qual a sua resistência, etc.). Enfim, a intenção de Merleau-Ponty, como aponta Cerbone (2012), não é o de desenvolver uma teoria do conhecimento, nos moldes de seus antecessores (empiristas e intelectualistas), mas o de retornar às fontes de todo e qualquer significado: os “fios intencionais” que nos vinculam à realidade circundante. Visto que,

(...) a fenomenologia não é o estudo de certas essências puramente abstratas, como as formas de Platão. As essências que a fenomenologia estuda são, antes, instrumentos em nossa tentativa de entender nossas próprias vidas no mundo (MERLEAU-PONTY, 2002: xvi). Compreender os conceitos que usamos é captar o papel que desempenham em nossas vidas no mundo: assim, por exemplo, captar fenomenologicamente a “essência” da percepção é compreender como a percepção efetivamente funciona em nossas relações com o mundo circundante e com as outras pessoas. Nesse sentido, “essência” não pode ser separada de “existência”, a compreensão de conceitos separada da compreensão do mundo a que eles se referem (MATTHEWS, 2010, p. 29).

Outrossim, para Merleau-Ponty (1999), o erro do empirismo e de todos os seus apreciadores (sobretudo as chamadas ciências naturais) é o de atribuir uma realidade determinada aos assim chamados estímulos perceptuais. A justificativa é a de que existem unidades sensoriais e

átomos sensíveis que podem ser identificados e, conseqüentemente, definidos por meio de causas e efeitos tomados perceptualmente do objeto em questão. É como se houvesse a combinação, mecânico-causal, de partículas "sensíveis" (apartadas e desconectadas) que formariam a noção exata daquilo que é percebido. Em outras palavras, as nossas sensações nos forneceriam uma série de dados sensíveis com os quais construiríamos uma imagem do mundo a partir desses mesmos dados; ou seja, seria como um tipo de montagem/bricolagem, que levaria em conta a concatenação de diversas representações com vistas a formar a imagem de um determinado objeto. A título de ilustração, vale mencionar então o seguinte caso: os dados sensoriais táteis, gustativos, auditivos, visuais e olfativos relativos a uma determinada xícara, seriam esses, por consequência, os elementos considerados fundamentais para que eu pudesse criar uma imagem dessa xícara enquanto xícara. Nessa perspectiva,

(...) eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3).

Evidentemente, a afirmação de Merleau-Ponty (1999) é a de que não é possível explicar uma dada realidade a partir de elementos separados e isolados. O mundo que percebemos nunca pode ser explicado como uma coleção de objetos e de informações sensoriais independentes que, juntos, nos dariam uma significação coerente a esse todo indeterminado, que é a própria experiência perceptiva do mundo. Pois, que, para o autor, o modo como o objeto é percebido tem a ver com o fato de ele ser igualmente afetado em sua relação com os outros objetos do e no mundo. Em suma, as nossas experiências do mundo e com as coisas desse mundo formam um todo no qual cada objeto, em sua particularidade, é visto também como algo integrado a essa mesma totalidade.

Nesse sentido, Merleau-Ponty (1999) assevera que a psicologia *gestaltista* teve grande influência sobre as suas concepções teóricas, sem contar, obviamente, com a forte influência do pensamento husserliano em sua obra. A primeira por definir a percepção como aquela atividade que tem como função crucial captar a completude dos fenômenos que afloram do real, a despeito de ser confundida como um simples ajuntamento/acúmulo de sensações, parciais e pontuais, para efeito de se

produzir uma experiência pronta e acabada. *Grosso modo*, os estudos da *Gestalt* têm como sua principal característica verificar como cada coisa tem o seu significado derivado de sua relação com o todo e como tudo isso pode ser afetado devido ao lugar que aquele ocupa neste. Não obstante as críticas do filósofo a essa corrente de pensamento que buscou ligar tal ideia a uma descrição de cunho objetivo (imbuído de um discurso eminentemente científico). Já o método fenomenológico de Husserl foi a grande contribuição e o responsável pela guinada em seu pensamento. Posto que a fenomenologia definida por Merleau-Ponty seja, em parte, um pouco diferente daquela iniciada por Husserl, conforme indicado por Matthews (2010). Em Husserl, no que concerne à indicação de Matthews (2010), a fenomenologia procura delinear a estrutura “essencial” da experiência, e nunca a sua estrutura empírica. Se bem que a proposta de Merleau-Ponty é a de combinar subjetividade com objetividade; reconhecendo assim a experiência subjetiva, pois toda experiência é experiência de alguém, sem, contudo, desconsiderar o fato de que o ser de cada sujeito é ser alguém incluído e introduzido no mundo. Para Merleau-Ponty (1999):

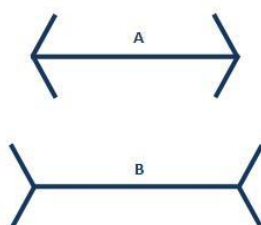
O mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta. O sujeito é ser-no-mundo, e o mundo permanece "subjetivo", já que sua textura e suas articulações são desenhadas pelo movimento de transcendência do sujeito (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 576).

Ainda, nesse enfoque, vale ressaltar o ponto de vista do mencionado filósofo, no que se sustenta a abordagem de Cerbone (2012), de que a consciência não pode ter o seu significado transcendido e estabelecido para além da nossa experiência direta e de completa imersão no mundo. Ela, portanto, surge e se desenvolve em estreito laço e vínculo com a realidade, não sendo, por isso, entendida como a expressão de um “Eu” absoluto e solipsista, desencarnado e abstrato, de forte apelo cartesiano. Com isso, o que se pretende dizer é que o sujeito não é um mero receptáculo de perturbações derivadas do mundo sensível, e também não se restringe a ser uma espécie de ente dotado de uma estrutura analítico-transcendental cuja tarefa básica esteja pautada, simplesmente, no ato de traçar ideias e de compor categorias/conceitos puros. Uma vez que, consoante a essa filosofia, “o significado das coisas, em certo sentido, não existe ‘dentro’ de nossas mentes nem no próprio mundo, mas no espaço entre nós e o mundo” (MATTHEWS, 2010, p. 49). A julgar que “Perceber não é nem receber passivamente representações dos objetos, como creem os objetivistas; nem criar o mundo a partir das ideias que temos em nossas mentes, como querem os idealistas” (MATTHEWS, 2010, p. 53). Para daí, logo, esboçar o que se segue: “Aquele que percebe está *no*

mundo, mas não da mesma maneira que estão os puros objetos: o sujeito da percepção age sobre o mundo assim como sofre a ação do mundo. (...) Significa que somos essencialmente *sujeitos corporificados*” (MATTHEWS, 2010, p. 53). A esse respeito, podemos destacar que:

O corpo realiza uma reflexão, o que até então era atributo exclusivo da consciência. O próprio conceito de reflexão é, assim, transformado. A reflexão não é constituída por uma consciência pura, mas, sim, enraíza-se na experiência sensível, na qual se encontram a gênese do sentido e o fundamento do mundo cultural (GONÇALVES, 1994, p. 68).

E como demonstração clara de que o mundo é experimentado como sendo um fenômeno de caráter “inesgotável”, para usar de uma terminologia merleau-pontyana (haja vista que essa experiência se prolonga indefinidamente, muito além da verificação que se dá no plano imediato, desdobrando-se em diversas situações e/ou perspectivas), é de se considerar, à guisa de explicação, a famosa ilusão de ótica de Muller-Lyer. E neste experimento, como descreve Cerbone (2012, p. 175), após examinarmos duas linhas que são idênticas, dispostas paralelamente, embora ambas apresentem formatos variados – as pontas das setas colocadas em direções opostas –, têm-se a impressão de que tais linhas possuem dimensões e comprimentos distintos, o que não é o caso. Como se pode constatar nesta representação gráfica:



Dessa feita, Merleau-Ponty (1999) ao se dedicar a encarar o mundo de outro modo, também passou a se interessar pelos casos tidos como patológicos e pelas situações que envolvem experiências incomuns. Como exemplo disso, podemos então citar o chamado fenômeno do membro fantasma, no qual um paciente continua a “sentir” e a “perceber” um membro que chegou a ser amputado ou destruído. A intenção do filósofo é mostrar que o corpo não pode ser visto apenas como coisa material, como algo automatizado fisiologicamente, similar a um aparelho e a uma máquina. Se isso realmente ocorresse, o corpo jamais daria pela falta desse membro, todavia ele continue a existir para o indivíduo que ainda “sente” e “experimenta” a sua presença. No entendimento do autor, a autoexperiência corporal engendra e é a base de nosso ser-no-mundo, de tal maneira que ele resiste/persiste até mesmo quando da ausência tanto



de fatores físicos quanto de componentes psicológicos. Merleau-Ponty, em sua dicção, diz que “o braço fantasma não é uma representação do braço, mas a presença ambivalente de um braço” (MERLEAU-PONTY *apud* CERBONE, 2012, p. 183). Com efeito, para esse filósofo, o corpo não é tão somente um corpo, é sempre um “corpo-vivido”, um “corpo-habitual” e um “corpo-encarado-neste-instante”, conforme registrado abaixo:

O membro fantasma, em outras palavras, implica um tipo de confronto ou conflito entre dois níveis de autoexperiência corporal: o que Merleau-Ponty chama o “corpo habitual” e o “corpo neste momento”. O paciente sofrendo do estado do membro fantasma continua a contar com o membro perdido, supondo sua presença, do mesmo modo impensado que fazem todos aqueles de nós que têm todos os membros. A confiança continuada do paciente testemunha o caráter profundamente arraigado de suas ações e rotinas habituais: o repertório de atividades corporais que o paciente poderia fluentemente executar antes da perda. Esses hábitos profundamente arraigados conflitam, porém, com a configuração atual do corpo do paciente; os hábitos não “combinam” mais com o que o paciente é presentemente capaz de fazer. Portanto, o paciente cai ao se levantar da cama ou ao começar a caminhar, não em decorrência da presença ou ausência de uma representação, mas porque a forma do corpo habitual do paciente ainda não se conformou aos fatos da situação (CERBONE, 2012, p. 183-184).

A “redução fenomenológica”, ou melhor, o “retorno aos fenômenos”, na opinião de Merleau-Ponty (1999), baseia-se em dar explicações do gênero: retornar a algo que é anterior à consciência pura (translúcida, no dizer husserliano), de trazer à baila e apresentar as condições reais pré-conscientes que são o sustentáculo e o ponto de apoio para todo tipo de pensamento. Porquanto o que se busca aí é a tentativa de narrar a nossa experiência perceptual, encarnada e corporificada, de modo a nos revelar como os fenômenos normalmente surgem e aparecem: como uma espécie de “camada primária” que envolve toda a nossa experiência sensível e que remonta às nossas origens pré-conceituais. Dito de outro modo, a filosofia de Merleau-Ponty tem como tarefa primeira retornar aos fenômenos da experiência vivida, estabelecer uma fenomenologia propriamente dita da experiência ordinária, trabalhar com uma lógica e com uma intencionalidade que não pode ser compreendida nem em termos puramente fisiológicos e muito menos deve estar circunscrita às dimensões cognoscitivas do ser humano. Eis o motivo por que a

percepção e/ou a consciência perceptiva assume uma forma de atuação e de interação ativa com o próprio mundo.

Afinal, na interpretação de Merleau-Ponty (1999), a consciência não está alojada no "Eu penso", mas, antes, no "Eu posso", o qual é entendido como certa capacidade e habilidade motora orientada no sentido de se proceder a uma interação, executável e bem-sucedida, com o lado prático da nossa existência. A intencionalidade "corpórea" aqui expressa refere-se aos nossos modos de habitar o mundo. Para o filósofo francês, as coisas aparecem e se manifestam como estando aqui ou ali, dentro ou fora de alcance, próximo ou distante, alto ou baixo, cativante ou desagradável, utilizável ou não utilizável, e por aí vai, no tocante ao nosso jeito de interagir e de coabitar o mundo. Destarte, a atividade corporal pode ser facilmente entendida e caracterizada como uma forma de intencionalidade, que difere da intencionalidade de Husserl (relacionada à pura consciência), denominada pelo autor de "intencionalidade motora", que é a nossa maneira pré-reflexiva de atuar e de nos envolvermos com as coisas e com tudo aquilo que se remete à experiência perceptual e ao mundo-objetivo-do-ser. Em destaque para a visão de Merleau-Ponty,

Com a noção de esquema corporal, não é apenas a unidade do corpo que é descrita de uma maneira nova, é também, através dela, a unidade de sentidos e a unidade do objeto. Meu corpo é o lugar, ou antes a atualidade mesmo do fenômeno de expressão (*Ausdruck*), nele a experiência visual e a experiência auditiva, por exemplo, são pregnantes uma da outra, e seu valor expressivo funda a unidade antepredicativa do mundo percebido, e, por ela, a expressão verbal (*Darstellung*) e a significação intelectual (*Bedeutung*). Meu corpo é a textura comum de todos os objetos e ele é, ao menos em vista do mundo percebido, o instrumento geral de minha "compreensão" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 315).

## **Reflexões e projeções**

Podemos dizer que, para Merleau-Ponty (*apud* Cerbone, 2012), existem três noções que não podem estar dissociadas umas das outras, e que são elas: o estar em posse de um mundo, o ser corporificado e o ser consciente. Todas estas três dimensões estão internamente entrelaçadas, imbricadas e inteiramente inter-conectadas na experiência vivificante do ser-no-mundo. Como se pode perceber, o "retorno aos fenômenos" evidencia essa inter-relação e essa associação de fatores que, do

contrário, não seria possível tornar a vida vívida e vivida. Dessas três definições (consciência, corporificação e experiência de vínculo e de ligação com o mundo), portanto, é que adveio o termo “arco intencional”, através do qual este teórico pretendeu demonstrar diferentes dimensões e facetas da nossa experiência objetiva, a saber:

Vamos dizer, portanto [...] que a vida da consciência – a vida cognitiva, a vida do desejo ou a vida perceptual – é subtendida por um “arco intencional” que projeta em torno de nós nosso passado, nosso futuro, nosso ambiente humano, nossa situação física, ideológica e moral, ou, mais precisamente, que faz com que estejamos situados em relação a todos esses aspectos. É esse arco intencional que faz a unidade dos sentidos, a dos sentidos e da inteligência, a da sensibilidade e da motricidade (MERLEAU-PONTY *apud* CERBONE, 2012, p. 196).

Ademais, o filósofo Merleau-Ponty, como afirma Cerbone (2012), ao tentar reabrir a discussão fenomenológica proposta por Edmund Husserl, nos convida a realizar a seguinte observação: “a lição mais importante que a redução nos ensina é a impossibilidade de uma redução completa” (MERLEAU-PONTY *apud* CERBONE, 2012, p. 63). Vê-se, pois, que o significado do ser fenomenológico deve partir da própria experiência do ser, o que não quer dizer, nesse caso, que a experiência seja um evento ou interno ou externo à consciência, mas que subjaz ao nosso modo de interação e de inserção no mundo. Isto é, estamos sujeitos a fatores endógenos – percepções, sentimentos, emoções, pensamentos, crenças, etc.– e exógenos – coisas, pessoas, lugares, (con)vivências e o mundo em geral –, que compõem e fazem parte do nosso dia a dia, ou melhor dito, “nós somos, um para o Outro, colaboradores em uma reciprocidade perfeita, nossas perspectivas escorregam uma na outra, nós coexistimos através de um mesmo mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 474). Por isso, a alegação é a de que a fenomenologia esteja voltada para entes situados e incorporados, que tenham os seus significados evidenciados na mais completa realidade do mundo.

Por fim, é de fundamental importância considerar que, para Merleau-Ponty (1999), o tema (fenomenológico) central a ser analisado é o papel primordial desempenhado pelo corpo nesse processo de experimentar objetivamente o mundo, além, é claro, da finalidade de se apurar e de se querer entender a mente como uma instância fundamentalmente encarnada e incorporada. Indagações essas que contribuíram, deveras, para o resgate e para a retomada do legado filosófico desse autor entre os mais renomados neurocientistas e estudiosos da atualidade, que abordam essa temática. Acrescente-se a

isso o fato de que pesquisas recentes no campo da ciência cognitiva chegaram a confirmar a hipótese merleau-pontyana de que: devemos romper com a nossa aceitação habitual ante a tudo aquilo (coisas e situações) que diz respeito às nossas vidas, já que a experiência efetiva e concreta do mundo costuma ser, em muitos casos, vista como mirabolante e surpreendente, para não dizer estranha, e sem falar dos aspectos indiscerníveis e incompreensíveis inerentes a esse exercício especulativo.

## Referências

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969.

BUZZI, A. R. *Filosofia para principiantes: existência humana no mundo*. Petrópolis: Vozes, 1992.

CERBONE, D. R. *Fenomenologia*. Petrópolis: Vozes, 2012.

DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

GONÇALVES, M. A. S. *Sentir, Pensar, Agir: Corporeidade e Educação*. Campinas: Papirus, 1994.

MATTHEWS, E. *Compreender Merleau-Ponty*. Petrópolis: Vozes, 2010.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (texto original publicado em 1945).